

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 614	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	\$120	15 DE JANEIRO DE 1896	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

MORTE DE JOÃO DE DEUS



JOÃO DE DEUS — EM 1855

que são a natureza lyrica da alma poetica portugueza. João de Deus está consagrado como o mais santo dos poetas do amor.

O seu livro deveria ser impresso em letras côr de fogo sobre o fino setim das azas das pombas para então ser cantado em côro pelos labios frescos das mulheres portuguezas, que tem boccas para rir, olhos para chorar, corações para sentir, cabecinhas para pensar.

O seu livro é um livro de amor, amor travêso que sorri pedindo um beijo na face, amor que scisma e tem saudades, amor que quer ser perfume e quer ser ave, amor que se entristece de quasi ao sol posto avistar a luz da madrugada, a estrella que lhe nasceu, quando a vista mal a alcança, amor que tem desalentos, amor ideal, amor que ri e nos alegra, amor que chora e nos faz chorar.

*Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degrãos do tumulo descendo.*

*Em se ella anuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.*

*Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céu (se o não sonharam...)
Quiç mostrar-me que o bem bem pouco dura!*

*Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...*

Mas todos os que haviam chorado na vida choraram então com elle, que bem sabia como lagrimas são boas. Dil-o n'aquella estrophe da sua mais bella elegia, offerecida a D. Candida Nazareth por occasião da morte de sua irmã Rachel e, poucos dias depois, de sua mãe.

*Consolos não te dou, que não existe
Quem de lagrimas suas nunca enxuto
Possa as de outro enxugar:
Não pôde allivios dar quem vive triste,
Mas é-me doce a mim chorar se escuto
Alguem tambem chorar.*

Ainda não ha um anno que foi essa festa. Pensar n'esse dia é como lembrar se a gente de qualquer coisa luminosa, muito grande, que alguma vez se viu a sonhar.

Iam adeante as creancinhas, muitas, muitas, talvez sem perceber porque é que assim as levavam atravez d'aquellas ruas, com ramalhetinhos nas mãos, entre musicas; os largos, os passeios apinhados de gente, todos a darem-lhes vivas, e ellas risonhas, muito espantadas, com os olhitos muito abertos...

Mas, quando ellas se atarantarem nas lições, ellas e todas as que vierem depois d'ellas, hão de sentir uns dedos fantasticos, misteriosos, a acariciarlhes devagarinho os cabellos, que é como fazem os fantasmas bons. E a luz ha de fazer-se, ellas hão de aprender, que o João de Deus não quer que ellas chorem. É o João de Deus, que tanto as amou durante a vida, que ainda as ha de amar muito tempo, para sempre talvez, porque foi elle quem fez a *Cartilha*, por onde todos hão de estudar, em quanto se falar a lingua em que elle tão bem cantou:

*Andava um dia
Em pequenino
Nos arredores
De Nazareth.
Em companhia
De S. José
O Bom Jesus
O Deus-Menino.*



ATE LILIA!

Um dia, ainda não ha um anno, uns estudantes de Lisboa, que se haviam lembrado de fazer a João de Deus uma apotheose digna d'elles e do grande poeta, organisaram a festa mais alegre, mais entusiastica, mais commovedora que pôde inspirar a mocidade.

Foram uns dias de paz! Foram uns dias de luz! Em cada peito o coração era um sol jorrando raios d'oiro!

Por essas ruas da velha cidade corria uma animação como seiva de primavera em arvores resequidas, enchendo-as de folhas frescas, tenras, viçosas, reluzentes, a respirarem, a darem vida nova ao velho tronco.

E foram todos em cortejo por ahí fóra e até os que não se conheciam se abraçavam n'esse dia. As senhoras ás janellas acenavam com os lenços, os estudantes, cá de baixo, com os gorros, com as capas: Davam

se vivas a todos. Era um gritar e o côro repetia Eram todos irmãos! Eram os irmãos portuguezes!

Só João de Deus seria capaz de ser elo a tanta fraternidade.

Só João de Deus podia ter uma festa as-im, só elle, porque, melhor do que ninguém até hoje, soube exprimir na forma divina todos os sentimentos.

Para a festa ser completa só faltou que o dia fosse lindo. Entretanto era um dia de primavera. Que dia de temporal! Muitos esperavam que o

sol surgisse no momento em que o cortejo se puzesse em marcha. Assim devia de ser, pensavam: era uma injustiça do céu! E a água caía a jorros, as pequenitas fugiam com os biquitos escondidos nos chales; os rapazes a fazerem-se valentes; o collegio militar disciplinado, muito serio, grave, debaixo da carga d'agua; os estudantes de Coimbra embrulhados nas capas! E sob as janelas da modesta casa do poeta genial um côro entusiastico de vivas, um cantico sahido espontaneo de todos aquelles peitos, onde batiam corações enormes, cheios de mocidade! Não ha um anno que isso foi!

Hoje, sim, esteve um dia lindo. Em pleno inverno lembra-se ás vezes o sol de resplandecer assim. Nem uma só nuvem no céu! Todo elle azul, todo elle a scintillar!

E as crianças lá iam outra vez, muitas d'ellas com ramalhetes nas mãos. As musicas tocavam e as crianças não sabiam porque eram tristes aquellas musicas. Os estudantes lá iam tambem com os seus laços ao hombro a tuna marchando á frente. Mas os tambores iam cobertos de luto, e tinham um som soturno, as rebeccas gemiam, os bandolins choravam e faziam chorar. Iam os estudantes de Coimbra, mas as senhoras não lhes sorriam das janelas, e elles não erguiam as capas, os gorros alegremente. E muita gente, e todos tristes! Passava entre alas silenciosas o cortejo funebre, o cortejo immenso, maior do que o outro.

E o sol a scintillar! E o céu a resplandecer! Está assim desde que o João de Deus morreu.

As primeiras associações, as primeiras escolas que chegaram aos Jeronymos pararam formando alas, e foi entre duas alas extensissimas que passaram os membros da imprensa, os alumnos dos lyceus e escolas superiores do paiz, o ministerio, os representantes da familia real que acompanharam o feretro.

Estavam dois pequenitos um ao lado do outro; um d'elles muito feio, magro, chupado, desdentado, rachiticinho, com o pescocinho muito delgado estendido para ver melhor; o outro uma belleza, um encanto, a cabecinha cheia de canudos, a boquinha vermelha entreaberta... Ambos olhavam para ver se chegava a carreta onde vinha o morto, carregadilha de flores, um com os olhinhos pequeninos, ophthalmicos, o outro com os bellos olhos azues, enormes. E ambos, tão differentes, haviam de saber de cór, e todos os que ali estavam o deviam de saber:

*Andava um dia
Em pequenino
Nos arredores
De Nazareth
.....*

Dizer versos de João de Deus é rezar por elle.

A' entrada dos Jeronymos descancaram o caixão sobre uma eca pequenina. Junto d'ella foram pronunciados os discursos funebres, em nome do governo, da academia, da universidade, da imprensa. Eloquencia cheia de lagrimas. Quem não sentiu a morte de João de Deus?

E, enquanto os oradores falavam, bandos de pombos, vendo o sol a esmorecer no horizonte, voavam em torno da torre da igreja, recolhiam-se ás cimalthas rendilhadas, aos nichos goticos dos santos, tão bons para os ninhos. E um garoto a cavallo nas grades de ferro, assobiava, cantava, dizia graças e ria, ria, ria...!

Que pena o João de Deus não poder ouvi-lo, não ver a revoada dos pombos!

E' noite agora. A rua é silenciosa. João de Deus dorme no seu caixão sob a abobada marmorea, entre os muros frios do templo.

Aquellas paredes rendilhadas, aquellas columnas enormes que sustentam a abobada altissima e lembram palmas de coqueiros abrindo-se em feixe triumphal no céu da Índia, aquelle cruceiro que não tem uma pedra que não seja um poema, descrevem maravilhosamente a assombrosa epopeia portugueza, as velhas glorias da patria, as conquistas das armas e dos varões assignalados. Nas portas do templo ha retratos de reis e de guerreiros entre as estatuas dos santos; por toda a parte ornatações de cordas, de esferas armillares. Cada murmuro prolonga-se em resonancia enorme em que parece ouvir-se o ultimo ecco dos rugidos de Adamastor.

Templo, morada para gloriosos é aquelle. Ali estão bem os ossos de Camões, os de Vasco da Gama, o cadaver rigido de Alexandre Herculano em seu tumulo gothico.

Mas, quando a gente se lembra do João de Deus, ali, solitario, agora, n'esta hora silenciosa da noite, não acham que elle deve ter frio?

Não haveria em Messines, patria do poeta, um

cantinho de cemiterio florido, cheio das violetas que elle tanto amou, onde, n'um pedaço de muro baixo, velhos viessem contar historias velhas, olhando as velhas que passassem, e onde as crianças brincassem por entre os tumulos... sem pisar as flores? No cipreste — que um cipreste tambem era preciso — haviam de cantar os rouxinoes nas noites de abril. O vento da serra é perfumado, havia de cantar ao poeta canções perfumadas como as que elle fez em vida, e assim embalar-lhe o somno.

E talvez que lá o João de Deus tivesse menos frio.

João da Camara.

NOTAS

João de Deus Ramos nasceu em S. Bartholomeu de Messines, provincia do Algarve, em 8 de março de 1830.

Terminados os preparatorios, partiu para Coimbra, em cuja universidade se matriculou na faculdade de direito.

João de Deus passeava pelos salgueiraes do Mondego, ouvia cantar a natureza e sentia no coração um cantico purissimo, em unisono com o rumorejar das arvores, as notas apaixonadas dos rouxinoes, o murmuro das aguas correntes, scintillantes de luar. Succediam-se as faltas, succediam-se os annos perdidos. Não o deslumbrava o diploma de bacharel; mas os salgueiraes, as fontes, o Penedo da Saudade ouviram-lhe os primeiros versos. Dez annos levou elle a formar-se, mas ainda antes que deixasse os bancos das aulas, era o seu nome de poeta já um dos mais queridos de Portugal.

Tinha elle vinte e cinco annos, quando a morte da mulher, que elle amava como só um poeta sabe amar, lhe inspirou as mais bellas, comoventes e inspiradas elegias.

D'essa epoca data a sua consagração como poeta lyrico. Havia de sel-o e o maior de Portugal.

Terminado o curso em 1859, João de Deus deixou-se ficar em Coimbra onde o prendiam a convivencia de antigos companheiros, talvez memórias saudosas, e a formosura da natureza tão creadora de poetas.

São d'essa epoca de Coimbra, de 1855 a 1862, a *Rachel*, a *Noite de Amores*, o *Adeus* e aquelle extraordinario poema *A Vida*, que ninguem pode ler sem que as lagrimas lhe maregem nos olhos.

João de Deus deixou Coimbra em 1862, e dirigindo-se a Beja, ali fixou a sua residencia e tomou conta da redacção do *Bejense*. Não descuidando nunca a poesia, o seu nome de poeta tornára-se de notavel em popular. Era um nome querido de todos. Ninguem havia que o não conhecesse. Na bocca de todos andavam os versos d'elle, os tristes, os graciosos, os desalentados, os consoladores.

Mas todos esses versos andavam espalhados por jornaes, muitos d'elles de provincia, com poucos leitores. João de Deus collaborou entre outros periodicos no *Instituto*, *Estreia Litteraria*, *Preludios Litterarios*, *Phosphoro*, *Academia*, *Tira-teimas*, *Renascença* e *Herculano*. Alguns d'estes nem de nome se conhecem agora.

A primeira edição das *Flores do Campo* appareceu em 1866, seguindo-se-lhe pouco tempo depois os *Ramos de Flores* em 1866.

Publicou mais: *Pires de Marmellada* em 1869, *Horacio e Lydia*, traducção em 1872, *Despedidas de Verão*, e *Folhas Soltas* em 1876, o *Diccionario Prosodico de Portugal e Brazil*, de collaboração, em 1877, a *Vida da Virgem Maria*, traducção, em 1873, *Grinalda de Maria*, em 1877, *Os Lusíadas* e a *conversação preambular*, em 1880.

Em 1893 appareceu o *Campo de Flores*, poesias lyricas completas, edição authentica e definitiva, coordenada por Theophilo Braga.

Arduo trabalho teve o sabio professor do Curso Superior de Lettras, que foi um dos mais dedicados amigos do poeta morto. Nas *Observações previas* explica o sr. Theophilo Braga como andavam disseminadas e alteradas as melhores composições de João de Deus. O artista com a indifferença pela sua obra teria sejeitado a nação portugueza a uma das maiores perdas em arte se lhe não acudisse com amor o espirito trabalhador do amigo.

Sobre esta obra escreveu Guerra Junqueiro: «Eu quizera reunir em volume, para meu uso, os mais bellos canticos do poeta, eliminar as traducções, obra de sua natureza secundaria, eliminar as satyras, breves anecdotas sem alcance, e eliminar d'entre os versos de paixão as sensualidades communs, os galanteios futeis de namorisco. O resto um livro unico. *Campo de Flores!* Já não. Campo de estrellas, Jardim sideral, Lyrico de luz

innocente, a que mil milhões de annos não roubarão uma petala.»

Em 1869, João de Deus foi eleito deputado pcr Silves, por influencia de José Antonio Garcia Blanco e Domingos Vieira. Foi então que João de Deus fixou a sua residencia em Lisboa. O grande poeta para viver compunha quadras para pastilhas a dois mil réis o quarteirão!

A politica não o seduziu. Eleito deputado unicamente por condescendencia ao pedido de amigos, durante uma só legislatura aceitou o mandato, indo raras vezes á camara.

E entretanto foi durante esse tempo de privações e de amarguras que elle meditou a obra gloriosa da *Cartilha Maternal*, onde, tanto ou mais que nas mais inspiradas poesias, a cada pagina se revela o santo coração do poeta, obra bem dita pelas mães, obra bem dita pelas crianças.

Em 1888 o deputado pelos Açores, sr. Augusto Ribeiro, apresentou as córtes a seguinte proposta de lei:

«Art. 1.º E' declarado nacional o methodo de leitura, *Cartilha Maternal*, de João de Deus.

Art. 2.º Fica auctorizado o governo a crear um logar de commissario geral do novo methodo, cuja nomeação, de character vitalicio, recairá na pessoa do seu auctor, attribuindo-lhe a pensão annual de 900.000 réis.

Art. 3.º O governo dará o desenvolvimento necessario ás disposições dos artigos antecedentes para sua melhor e mais efficaz execução.

Ar. 4.º Fica revogada toda a legislação em contrario.»

O projecto foi approvedo por unanimidade. Desde então João de Deus não torna a pensar senão nas crianças. São ellas toda a sua paixão. No fim da cartilha publica um *Hymno de Amor*.

*Andava um dia
Em pequenino
Nos arredores
De Nazareth,
Em companhia
De S. José,
O Bom Jesus,
O Deus-Menino.*

Não ha criança que o não saiba de cór.

Desde então João de Deus escreve para os pequeninos e defende o seu methodo com violencia contra a rotina, que dava tratos ás crianças nas escolas para lhes conceder uma das maiores felicidades que podem haver — a instrucção.

Foram os rapazes das escolas os primeiros que idearam essa festa bellissima, a que, não ha ainda um anno, Portugal se associou.

Andava uma alegria n'essa atmospheria n'esse dia tão bello para João de Deus e para todos os que o amaram, que é como dizer para todos.

Portugal cumpriu n'esse dia um dever e deu uma lição ao mundo.

Não ha ainda um anno Pouco sobreviveu o poeta, o educador genial, a essa apothese que lhe assegurava a immortalidade.

Sabbado, 11 de Janeiro — uma data fatidica — João de Deus expirou. Era enorme a envergadura de aquellas azas, João de Deus voou para muito longe.

Soffrendo ha muito de uma lesão cardiaca, adinvinhava a approximação da morte. São de agosto ultimo os seguintes versos:

*Ao ver que tudo me cança
E até já nem fallar posso,
Lembra-me quando fui moço,
Consola-me essa lembrança.*

*Já gosei a mocidade,
Já fui agil e robusto;
Agora vou indo a custo
Caminho da eternidade.*

*Sei que o circulo da vida
Se ha de fechar e bem certo;
Mas o ponto da partida
Não o quizera tão perto,*

Como é simples esta queixa! E como são bellos estes versos!

A impressão causada em todo o paiz pela morte de João de Deus manifestou-se por forma que bem demonstra quanto era querido o grande mestre.

El-Rei o sr. D. Carlos telegraphou immediatamente de Mafra á viuva do saudoso morto e o sr. Conde de Sabugosa, em nome de Sua Magestade a Rainha, escreveu á desolada senhora uma carta em que se encontra este bellissimo trecho:

«Recordando que *Flores do Campo* foi um dos livros que primeiro lhe ensinou toda a poesia da

alma portugueza e lhe revelou o sabôr da bella lingua que é hoje sua; pensando que é n'um livro de João de Deus — a *Cartilha* — que seus filhos aprendem a ler essa lingua, não pôde deixar de votar uma recordação de reconhecimento á memoria d'aquelle cuja perda hoje todo o paiz deplora e a ninguém melhor do que á sua viuva pôde confiar esse sentimento.»

Na camara dos deputados o presidente fez o elogio do fallecido poeta pondo em relevo os serviços que prestou ás lettras e á instrucção. Fallou depois Luiz Osorio propondo um voto de profundo sentimento e inolvidavel saudade e por fim o sr. presidente do conselho mandou para a mesa uma proposta de lei, para que o funeral de João de Deus fosse pago por conta do estado, e que á sua viuva e filhos fosse concedida uma pensão annual de um conto de reis.

A casa da sr.^a D. Guilhermina Bataglia Ramos e á egreja da Estrella onde esteve depositado o cadaver embalsamado de João de Deus foi uma verdadeira romaria.

A maior parte das camaras municipaes do paiz teem enviado telegrammas de condoleancia.

O cadaver, enquanto esteve depositado na egreja da Estrella, foi constantemente velado por diferentes turnos de estudantes, tendo sido estes os primeiros que se lembraram de pedir ao governo para que o cadaver de João de Deus tivesse sepultura digna nos Jeronymos, perto dos ossos de Alexandre Herculano e Luiz de Camões.

Innumeras as corôas que foram dispostas sobre o catafalco. Muitas sem dedicatorias, sem nome algum. É que os mais humildes amavam o como os mais altos. O povo tambem quiz concorrer com o seu pequeno obulo para a tristissima festa da entrada d'aquelle espirito enorme na immortalidade. Parece que se trata d'uma canonisação, que todos lhe querem chamar santo, como lhe chamavam amigos — São João de Deus.

Nas salas da redacção do *Reporter* haviam-se reunido grande numero de jornalistas de Lisboa e provincias para acordarem na melhor forma de levar á pratica a idéa da offerta de uma espada de honra ao capitão Mousinho de Albuquerque, o valente militar que aprisionou o Gungunhana. Constituida a meza o nosso collega do *Reporter*, Abel Botelho, apresentou uma moção para que, antes de se entrar nos trabalhos se lavrasse na acta um voto de profundo sentimento pela morte de João de Deus. Então o sr. Moraes Pinto apresentou a proposta seguinte :

«Proponho que, em homenagem á memoria de João de Deus, seja addiido o fim para que se convocou esta assembléa, occupando-se ella exclusivamente da manifestação que a imprensa portugueza deve prestar ao grande poeta nacional, na certeza em que todos estamos de que esta resolução será uma das mais agradaveis manifestações para o coração de Mousinho de Albuquerque, sensível e generoso, como o coração de todos os heroes.»

A proposta do sr. Moraes Pinto foi approvada por unanimidade.

Hoje, 15, realisou-se o enterro do grande poeta, que foi uma verdadeira manifestação do apreço, do religioso respeito d'uma nação inteira pelo maior dos seus poetas da actualidade, um dos que mais concorreram para a immortalidade da nossa lingua tão bella e da historia da arte em Portugal.

O enterro sahio da egreja da Estrella onde os officios religiosos começaram á hora indicada. Innumeras associações tomaram parte no prestito funebre, os estudantes marchando atraz da tuna academica, escolas, academias, representantes da imprensa, muitos particulares, todos aquelles que sentiram a perda do grande homem, que avaliaram o luto em que a nação ficou mergulhada.

Muitas carruagens seguiram atraz da força dos alumnos da Casa Pia, que fechava o prestito. Iam n'ellas os representantes de Suas Magestades, presidente do conselho, ministros da justiça, estrangeiros, obras publicas, presidente da camara municipal, vereadores, governador civil, commissarios de policia, etc.

O povo apinhava-se por todas as ruas: as janellas eram cheias de senhoras. Foi a mais bella das apothoses. Apothose ao poeta, ao mestre, ao santo.

Deposta a urna sobre uma pequena eça, antes de entrar no templo, o sr. ministro das Obras Publicas em nome do governo, Antonio Candido em nome da Academia Real das Sciencias, Alexandre Braga pela Academia de Coimbra, Magalhães Lima pela imprensa, Alfredo Serrano e Jayme Ribeiro pela Academia de Lisboa, Eduardo de Sousa pela do Porto, e outros aradores disseram o ultimo adeus ao poeta querido, pondo em relevo as suas virtudes.

Milhares de corôas, de ramos, de flores soitas foram depostas sobre a urna e na capella.

A corôa dos estudantes tinha impressa n'uma das fitas esta quadra de João de Deus :

*Que vindes cá fazer, ó mocidade?
Despedir-vos de mim? Quanto vos devo!
Tambem levo de vós muita saudade
E, em chegando á outra vida... escrevo!*

Enchem-se os olhos de lagrimas, quando se pensa que não ha um anno ainda foi essa quadra escripta entre alegrias.

Tambem levo de vós muita saudade!

E João de Deus dorme ao lado de Camões no templo vasto! Descanço eterno!... Luz perpetua!

NA MORTE DE JOÃO DE DEUS

Na indecifrável mutação diaria
Da vida e morte que miuha alma aterra,
Ai! quanta dor os labios nos descerra,
Como desgraa enorme, extraordinaria!

Eil-o sem vida! A urna funeraria
Só os miseros restos d'Elle encerra,
Que hão de em pouco tornar-se pó e terra,
Dispersos pelo ar em forma varia.

Ma' a sua alma, a essencia pura e fina
D'aquelle coração que tanto amava
Tudo o que as almas boas illumina,

Hão de bebê-la as rosas que cantava,
As aves e a ternura feminina,
E as creanças que a ter Elle ensinava.

13 janeiro 1896.

A. L. dos Santos Valente.

A PRIMEIRA POESIA DE JOÃO DE DEUS

Na *Revista Academica* de 1855 encontramos a primeira poesia, que o amoroso poeta deu a publico, intitulada *A Oração*.

Essa poesia reveladora do grande poeta, mereceu então ser precedida de algumas palavras do sr. Dr. Alexandre Meyrelles, nosso illustre amigo e collaborador do *OCCIDENTE*, palavras que foram uma profissia das futuras glorias que esperavam o poeta, que era então um simples moço estudante da universidade, mas já illuminado por aquella luz suave e pura de um crente que foi a aureola de gloria da sua vida.

Nada mais grato á memoria de João de Deus que recordar aquellas palavras que festejaram a apparição do poeta apreciando com tanta justiça a sua primeira producção poetica.

Eil-as.

«Ha cantos tão suaves e hymnos tão melodiosos que, ao ouvil-os, sente-se um não sei que de vago, que nos seduz e arrebatá para esses dous grandes objectos, que tem inspirado a musa dos grandes poetas — Deus e a mulher: Deus centro poderoso, em roda do qual gravitam todos os seres, desde o verme até á planta, desde a planta até ao homem; — a mulher, reflexo da belleza divina, que póe o homem em um estado de perpétua adoração, em um devaneio delicioso, que se não explica, porque não ha lingua d'homem para descrever a magia d'aquelle olhar, que nos fascina e enlouquece, a meiguice e ternura d'aquelle voz, que nos vibra no coração como o som d'uma harpa eoliana, as molles ondulações d'aquelle corpo flexivel, que se dobra como o salgueiro á margem dos rios; ha desses cantos d'uma simplicidade tão tocante, que revellam elles sós, em uma meia duzia d'estancias, todo o fulgor do genio, toda a elevação do pensamento, toda a sublime energia d'uma alma devorada d'esses desejos vagos do infinito, e que anheia por quebrar as prisões, que a ligam a terra para remontar ao principio supremo de todas as cousas — a Deus.

A poesia que abaixo transcrevemos, revela-nos a apparição d'um novo talento poetico, na pessoa do nosso antigo condiscipulo e amigo o Sr. *João de Deus*.

Mas o que mais nos surpreendeu nesta poesia, primeiro fructo da fertil imaginação de seu auctor, é que julgavamos o Sr. *João de Deus* uma

d'essas intelligencias, superiores sim, mas a quem faltaria talvez em subido grau o elemento principal, sem o qual o homem não pôde elevar-se a toda a altura do seu destino, o sentimento religioso. E, porque haviamos feito este juizo e não outro? É porque não tinhamos ainda chegado ao fundo d'esta sociedade corrompida que nos cerca, é porque julgavamos ainda os homens mais pelas apparencias do que na realidade elles são, é porque vendo, uns ajoelhados ao pé dos altares, e batendo nos peitos, outros ostentando um ar grave e solemne nas assembleias publicas, haviamos pensado que a virtude estava da parte d'estes, e não dos que debaixo d'uma apparencia de incredulidade e negligencia encobrem uma alma cheia de fé, e um espirito verdadeiramente superior.

E' agora occasião de o dizermos bem alto, em quanto o não podémos fazer de um modo mais explicito e solemne, a geração nova, está eivada de corrupção, porque achou a corrupção em roda de si, desde o primeiro dia da sua existencia; no leite que lhe deram a beber, vinha já misturado o veneno subtil, que lhe foi lentamente minando as entranhas. Nós, mancebos, que nascemos, quando estalava de todas as partes este edificio politico e religioso, habituámo-nos a viver no meio de ruinas; e vendo que os outros, os velhos, se entretinham a desmoralizar o pela base, fomo-los imitando, e chegámos assim ao estado em que nos achamos, isto é, corrompidos até á medulla dos ossos, e tão velhos, que se alguns d'esses velhos guerreiros, que derribavam muralhas, e venciam batalhas, surgisse no meio de nós, para nos interrogar, desejaríamos antes que a terra se abrisse para nos engulir, do que supportar seu olhar de reprehensão e desprezo.

Mas, assim como entre os que pertencem á velha geração, ha naturezas virgens, que resistem a todo o halito de corrupção, e que são como esses cedros, que se erguem sobranceiros no meio dos campos arruinados e desertos, assim tambem entre os que pertencem á geração nova, ha naturezas tambem, que se não dobram nem aos caprichos da fortuna, nem ás paixões dos homens, que se levantam, o rosto irado e o braço erguido para fustigar os que corrompem, e os que se deixam corromper, e que abrigam debaixo da sua bandeira todos os que sentem bater-lhe no peito o sentimento da justiça, e o amor da liberdade.

Vêde-os como elles falam de Deus, d'aquelle

Senhor, a cujo halito vacilla
O mundo, e o cedro cae.

Como este brádo de religiosa inspiração vai bem nos labios do mancebo d'este seculo, d'este seculo em que já não ha amor de Deus, porque só ha o amor do ouro!

Como é tocante, esta supplica, com que o Sr. *João de Deus* termina a sua oração.

Se o raio, que as nuvens sobre nós disparam,
Veloz rasgando os ares
Á voz Tua, Bom Deus, lá vai sumir-se
Nas entranhas dos Mares:

Se á flor, filha do sol, que á luz só vive,
A luz manda, ó Deus;
E saudoso no Céu, na Gloria esperas,
Bom Pae, os filhos Teus:

Do Mundo, ó Creador!... que o mundo abraças
Em Tua clemencia
Ampára a virgem debedada e fragil,
Protege a Innocencia!

E quando a honra se vende por dinheiro, e quando se mente á face de Deus e dos homens, e quando se violam todas as leis do pudor e todos os sentimentos do coração, e quando a mulher é discutida, julgada e vendida por algum pregoeiro infame, nesse bazar impuro a que chamão opinião publica, achaes que é muito, que de entre os filhos d'este seculo, appareçam alguns a reivindicar para a victima os direitos, que lhe pertencem, e para o alçoz o castigo, que merece?

Mas para que é cançar-nos com a analyse d'esta poesia, quando ella ahí se mostra, sem galas e adornos, mas bella e rica da sua simplicidade?

Possa o seu auctor aceitar estas palavras tão sinceramente como aqui as deixamos escriptas, e não desfallecer no caminho, que principia a trilhar, que desde já lhe prophetizamos um destino brilhante, o destino das grandes almas, que não fazem consistir a gloria nas pequenas vaidades da terra, mas nas altas concepções do espirito, e na propagação das verdades christãs.

Alexandre Meyrelles.



A ORAÇÃO

*Poesia offercida á excellentissima senhora
D. R C M.*

João de Deus

Olha por Ella, Tu, dos Ceus que habitas,
Do mundo ó Creator!
Ampára o Lirio delicado e fragil,
Ampára a tenra flor!

Do manto que te envolve e d'onde pendem
Sóes sem conto — dos Céus —
Ella á Terra baixou. Estrella Tua,
Anjo dos Anjos Teus.

Exhalaste-a do seio á terra ingrata
Num suspiro d'amor !!
Ou na Terra a protege, ou sobre nuvens
Volva ao seio Teu, Senhor?

Não permittas que a dor seus labios murche.
Senhor, que és Deus, que és Pae!
Senhor a cujo halito vacilla
O Mundo e o Cedro Cai.

Nunca os olhos seus lagrimas turvem,
D'acerba anciedade!
Nunca, Senhor! por Ti!, que em sóes te firmas
Dos Céus na immensidade.

Se o raio, que as nuvens sobre nós dispáram,
Veloz rasgando os ares,
Á voz Tua, Bom Deus, lá vai sumir-se
Nas entranhas dos Mares:

Se á flor, filha do sol, que á luz só vive,
A luz mandas, ó Deus;
E saudoso no Céu, na Gloria esperas,
Bom Pae, os filhos Teus:

Do Mundo, ó Creator!.. que o Mundo abraças
Em a Tua clemencia;
Ampára a Virgem delicada e fragil,
Protege a innocencia!

Coimbra, 12 de Junho de 1855.

João de Deus P. N.



CASA ONDE NASCEU JOÃO DE DEUS, EM S. BARTHOLOMEU DE MESSINES

(Cópia de uma photographia)

A GUERRA NA AFRICA ORIENTAL

A GUERRA DA AFRICA ORIENTAL

Em o n.º 609 do *Occidente* a pag. 259 do xviii volume, demos noticia da victoria alcançada pelas tropas portuguezas em Africa, contra as forças aguerridas do regulo Gungunhana, o terror da Africa Oriental.

Hoje temos que completar essa noticia com a prisão do grande potentado effectuada pelo capitão Mousinho d'Albuquerque, nas condições mais extraordinarias, que recordam aquelles feitos de bravura que illustram tantas paginas da historia de Portugal.



O TENENTE COSTA COUTO



O CAPITÃO MOUSINHO DE ALBUQUERQUE



O TENENTE SOUSA MIRANDA

O seguinte telegramma recebido em Lisboa no dia 4 á noite, e que aqui archivamos como documento historico do mais alto valor, conta singelamente como se realisou a prisão do Gungunhana e da sua gente:

LOURENÇO MARQUES. 4. — *Ultramar, Lisboa.* Acabam de chegar aqui o Gungunhana e seu filho Godide e tio Molungo e suas sete mulheres, acompanhados pelo capitão Mousinho de Albuquerque, que os foi agarrar a Chaimite, acompanhado pelo tenente de artilheria Miranda, tenente graduado Couto, medico Amaral e 46 praças de artilheria e infantaria.

As minhas colorosas felicitações pela victoria que para o paiz acaba de conseguir o valente capitão Mousinho.

Tambem veio o Zixaxa com tres mulheres suas.

Espera-se que o Mahazul seja preso por estes dias.

No kraal, e em presença do Gungunhana amarrado e de 3:000 vâtuas buinguelas, foram fuzilados Gulto irmão do Muzilla e o induna Manh'unhe alma damnada do regulo.

Amanhã vou fazer os embarcar no «Africa» (a) — Lança.

Este telegramma, na sua singeleza, tem a eloquencia dos grandes factos, e adiante um distincto official do exercito, o sr. Eduardo Noronha, escreve d'este acontecimento.

Com respeito a Mousinho de Albuquerque, tambem adiante encontrarão os leitores um bello artigo do sr. Bento da França que descreve com verdadeiro conhecimento e todo o enthusiasmo de um bom camarada e amigo, o valente capitão, honra e gloria do exercito portuguez.

Os dois officiaes que acompa-



O REGULU GUNGUNHANA

(Copia de uma photographia trazida d'Africa pelo sr. Francisco de Mello Breyner)

nharam Mousinho de Albuquerque no arrojado commettimento de prender o potentado Gungunhana, são os tenentes srs. Anibal Augusto Sanches de Souza Miranda e Manoel José da Costa e Couto, dois bravos que já conheciam Africa onde desempenharam commissões importantes.

O tenente Miranda tem trinta annos, pois nasceu em 24 de janeiro de 1865, tendo sentado praça em 1881. Desde 31 de março de 1892 que foi promovido a primeiro tenente de artilheria, e em 1891 fez parte da expedição a Moçambique prestando bons servi-

ços durante o tempo que ali esteve.

Ao organizar-se a expedição do anno passado, o tenente Miranda requereu e instou para fazer parte d'essa expedição, ao que o digno ministro da guerra accedeu, transferindo o de corpo e dando-lhe o commando da secção de metralhadoras Nordenfelt guarnecida com praças da bateria de montanha.

Firme, energico e arrojado distinguuiu-se nos combates que a sua columna sustentou e teve a gloria de aprisionar o regulo Zixaxa e depois acompanhar Mousinho de Albuquerque no arrojado apresionamento de Gungunhana.

Uma circumstancia curiosa se deu com o tenente Miranda quando elle instou com o digno ministro da guerra para que o deixasse ir na expedição, pois não lhe competia.

— Deixe-me V. Ex.^a ir, instava o valente official com o ex.^{mo} ministro, deixe-me ir e prometto trazer-lhe a cabeça do Gungunhana.

E cumpriu a sua palavra, com a differença que o traz vivo.

O tenente Manoel José da Costa Couto nasceu em 9 de maio de 1867.

É filho de José Couto, já fallecido, que foi tenente quartel mestre de caçadores 1, e de D. Maria da Piedade Costa e Couto.

Alumno do collegio militar, foi promovido a alferes em 1890, e a tenente graduado em 1895.

Logo que saiu alferes seguiu em commissão para Moçambique e mais sete camaradas seus acompanhando o capitão Mousinho de Albuquerque, então nomeado governador de Lourenço Marques, e que o escolheu para seu ajudante de ordens desempenhando tam-

bem por vezes o cargo de secretario do governador. D'aqui passou em 1892 para o Chinde como secretario do governador sr. Alcobia, 1.º tenente da armada, onde esteve até fins de 1893.

Foi depois nomeado secretario do commando militar superior do Limpopo, commissão importante e que mais importante se tornou quando pela retirada do sr. Bicker lhe foi confiado interinamente o commando.

E honrosa a forma porque o tenente Couto se houve em todas estas commissões e ainda mais honrosa a sua insistencia em não se retirar do Limpopo, o que só fez quando as ordens do governador foram terminantes, não o fazendo, porém, sem trazer a salvo todo o armamento e munições, cofre e livros da escripturação, dispondo aliaz para isso de um limitadissimo pessoal.

Commissões de serviço levaram ainda por tres vezes o tenente Couto ao Limpopo, até que da ultima vez lhe coube a gloriosa missão de fazer parte da pequena força que acompanhou o capitão Mousinho de Albuquerque na prisão do Gungunhana.

Quanto ao temível potentado feito prisioneiro com a sua gente, pouco mais podemos acrescentar ao que ficou dito em o referido n.º 609 do OCCIDENTE.

O Gungunhana deve ter uns quarenta e dois annos de idade, e junta á sua grande agilidade e força um caracter energico, bastante orgulhoso e não menor intelligencia e prespicacia, não se deixando illudir facilmente, sabendo administrar bem os seus vastos dominios.

Tem 50 mulheres denominadas *macoce case*, pertencentes a familias de principes indunas. A sua favorita chama-se Soni, que é a mãe do principe herdeiro Godide.

Gungunhana ainda tem mãe, a qual se diz ser muito afeiçoada aos portuguezes.

É grande a riqueza do Gungunhana, pois alem do muito ouro que acumula no seu thesouro, tem palhotas cheias de marphim, grandes rebanhos de gados diferentes e vastissimas e numerosas plantações.

O seu exercito, que lhe merece cuidados especiaes, compõe-se de doze mangas ou grandes corpos de cerca de 5.000 homens cada um, commandado pelo grande capitão de guerra Muquignana de raça cossa.

Alem d'este exercito todos os homens validos do seu paiz são adestrados nos exercicios da guerra desde creanças, o que faz dos vatuas uma raça de guerreiros.

Foi contra essas enormes forças aguerridas que tiveram de bater-se os soldados da expedição portugueza, que mal se compunha de 2.000 homens.

Os ultimos telegrammas recebidos de Lourenço Marques dizem que o resto da expedição embarcou no transporte de guerra *Africa*, que conduz tambem Gungunhana, seu filho Godide e sete mulheres do potentado.

Antes da partida houve uma parada das forças portuguezas, em Lourenço Marques, em que foi apresentado Gungunhana prisioneiro, para ser reconhecido por todos os presentes e a que assistiram muitos regulos das terras mais proximas com a sua gente.

LUCTA DE HEROES

Desfez-se a lenda do ultimo rei de raça zulu. A efficacia do fogo no derradeiro combate, terminou, no meio do sibilar das balas portuguezas, o predomínio secular dos descendentes de Chaka, o ambicioso e cruel despota africano.

Os combates de Marracuene, Magul, Chinavane, Coolella e Manjacaze, a captura de Gungunhana, formam um cyclo luminoso escripto com o sangue dos nossos compatriotas em letras fulgurantes, onde se imprime indelevelmente a varonilidade da geração actual.

N'uma hora de lucta desigual desmoronou-se um imperio. Ao embate impetuoso de hordas cheias de coragem e de valor audaz, d'encontro a um punhado de soldados disciplinados, despedaçou-se toda uma dynastia de despotismo sanguinario. As arremetidas vigorosas de dose mil homens ebrios de vingança, defendendo os seus lares, afirmando a sua lendaria ousadia, quebraram-se como onda activa de encontro ao bloco impavido formado pelo quadrado portuguez que emergia d'um mar de capim, vomitando torrentes de metralha, explodindo como uma granada colossal mil estilhaços que destroçavam em fragmentos ensanguentados aquelles guerreiros temidos até então.

Heroes de cem combates que levavam a desolação e o exterminio desde as margens do Zambese

às margens do Inharrime, estacavam impotentes, estorciam-se raivosos e febris, deifronte d'esse grupo quasi invisivel a meio do plaino.

Nuvens de pennas agitando-se caprichosas á mercê da brisa; troncos robustissimos cobertos de suor a que a luz dava reflexos de couçaça; munjóvos de pelle de tigre oscillando em movimentos furiosos; cascavéis de sons asperos e extranhos cascalthando risadas de gracejos carnavalescos; escudos de aspectos variados desculando formas convulsivas; azagaias exhibindo scintillações metalicas, esboçando em cada traço laivos de sangue abundantemente derramado; cantos, hymnos, estrophes que constituíam ameaças selvagens em que a simples perda de vida era a mais generosa das promessas; tudo desapareceu em menos d'uma hora.

N'um instante toda essa nuvem de borboletas negras foi varrida por um furacão de projecteis. A placidez dos europeus triumphara da louca temeridade dos vatuas. Breve se sumiram no horizonte os ultimos fugitivos. Apenas os feridos, os mortos, os membros dispersos, as armas abandonadas, os tropheos sem dono, as rodellas semeadas pelo solo attestavam n'um conjuncto de fúria o choque sangrento que se dera.

Aquellas hordas desmoralizadas pela derrota, empolgadas pelo terror, divididas pela desconfiança, misturadas n'uma desordem a que nenhum esforço punha cobro, iam espalhar por todo o interior n'um pregão vehemente a firmeza das nossas tropas, a coragem do povo portuguez.

O sertão, as brenhas, os bosques, as povoações escondidas entre o matto, os animais ferozes recolhidos nas florestas, as mulheres, as creanças, os velhos, refugiados em reconditos esconderijos olhavam pasmados para esse desfilar tumultuoso de todo um exercito aguerrido, aniquilado n'uma hora, perdido sem remissão.

Assim desapareceu a aureola d'um povo escolhido. Gungunhana, o rei poderoso, que dispunha a seu bel-prazer da vida e fazenda de milhões d'homens, o potentado perante cujo capricho se vergavam os chefes mais temidos, era um fugitivo, um proscripto a procurar asylo, um criminoso forçado a homisiar-se.

Eduardo de Noronha.

CAPITÃO MOUSINHO D'ALBUQUERQUE

É celebre! Eu que, cheio de fé no seu valor e entusiasticas creanças, o vi partir ficando-me o coração oppresso, como se me apartasse d'um irmão, de cujos risos lastimava não compartilhar para amparal-o com a minha amisade, sinto agora semelhante, ou maior, alvoroço pela sua gloria. Parece-me, porém, achal-o em plano muito alto, intangível aos meus bons officios, superiores os seus meritos em gerarchia ás minhas pósses effectivas!

Commoviu-me em extremo a noticia dos seus heroicis feitos, afaguei os loiros colhidos, endoidei-me a alegria do corôamento da sua tão acariçada aspiração, mas, de mim para mim, sinto-me tão pequeno ao seu lado, como me acho mais e mais preso da sua individualidade levantada.

Não é para admirar que tal impressão me assalte; o homem, no seio das collectividades, abstrahê, sem querer, de si e vae com o sentir das multidões. O meu camarada, o meu companheiro de honra das caturreiras dos puecos serões da calçada do Galvão é o heroe do dia; do Minho ao Algarve, em Traz os Montes, pela Extremadura e Douro, nas duas Beiras, como no Alemtejo, é Mousinho o idolo de regosijos patrioticos, d'ufanas congratulações. É aclamado, festejado, n'elle synthetizam os povos a consagração da victoria; a alma nacional, avergada ha muito ao peso do abatimento moral, carregada de privações, avida d'esperanças e de seiva vivificante, symbolisa no seu esforço o levantamento, a regeneração d'essa patria, amada, illustre e famosa, que assombrou o orbe por via do sublime porta-voz dos Lusíadas... o que admira, pois, que eu me sinta apoucado em face de Mousinho, se elle subiu tão alto?

Não deve causar espanto, de feito.

Quero, todavia, devo e hei de arrancar-me ao dominio da turba, porque já antevjo os braços do amigo em busca dos meus e, nas intimas expansões, não basta sentir como todos, é preciso que o coração pulse como o de poucos, os queridos.

Fóra, pois, com a fascinação tentadora, empolgante, e diligenciando prestar-lhe aqui o primeiro preito publico da minha estima, vou esforçar-me por me familiarizar com a sua subida estatura moral de hoje. Que demónio! tambem os velhos serviços se affazem a vêr crescer as creanças que trouxeram ao collo e nem por isso, se são de bom

quilate, se desfazem as mutuas afeições, antes se fortalecem na troca de affectivos laços, serviços reciprocos.

E, no fim de contas, é mister attentar a sangue frio em que, se em Africa o esforço e o fino golpe de vista de Mousinho lograram realizar os seus sonhos doirados, conseguindo esculpir laureis immorteiros no florão do nome que usa, doar á patria um galhardo attestado de vitalidade, não foi isto uma revelação para mim; já o reputava capaz de muito, seria mesmo uma injustiça duvidar do seu valor e arrojo. N'um circulo limitado de camaradas, amigos, antigos condiscipulos, todos lhe reconheciamos os requisitos que podem exalçar um homem ao apogeu do civismo, levar um soldado ao capitolio da valentia.

Quero esperar que o galardão ha de ser condigno da proeza, longe de mim admittir a hypothese de que se apague o entusiasmo publico, todavia, nunca é demais um peito dedicado com o qual se repartam acérbas amarguras, vivazes alegrias... e esse, mercê de Deus, vanglorio-me de poder offerecer-lho.

Posto isto, não me soffre o animo ficar atraz dos que lhe são queridos, nem tão pouco esperar pelo seu regresso para saciar n'um abraço os phreneticos anseios da minha alma. Com o risco de amarrotar de todo os meus debeis creditos litterarios, vou, sem maior detença, enlaçar os traços caracteristicos do prestigioso e benemerito aprisionador do decantado Gungunhana com o meu desataviado nome.

Se tiver a ventura de não beliscar a requintada modestia do meu biographado e as minhas sentidas palavras encontrarem echo na sua alma, terei attingido o meu invejado escopo. Apenas uma outra satisfação poderia pôr em paralelo com este meu ridente e ambicionado anhele e esse jubilo, essa felicidade inestimavel, só pode vir-me da certeza de que Mousinho pensou em mim durante alguns momentos em Coolella, me pediu uma prece para o impedido morto, associou á sua a minha ufania ante os esplendidos e vivos certificados da sobrevivencia dos antigos caracteres portuguezes.

É já tempo de descermos do pedestal, precisamos conhecer melhor e mais de perto o homem, para que possamos metter bem em perspectiva a estatua, que todos lhe erguemos no intimo do nosso patriotismo.

Conheci Mousinho ha uns bons vinte annos. Andavamos por então ambos na Escola do Exercito; eu era um creançola, quasi imberbe, elle levava me trez annos d'avanço e já tinha transitado pela Polytechnica. O heroe de Chaimite fez 40 annos em Manjacaze, a 12 de novembro. N'aquellas idades accentuava-se a differença que faziamos, de mais a mais, elle estava no ultimo anno, eu entrara para a Escola. Pouco, portanto, se apertaram alli as nossas relações. Em todo o caso, elle tratava o *petiz* com certa benevolencia e eu admirava a despreocupada distincção, que se destacava por entre as suas rajadas d'estroina confesso, deliciava-me com o sabor litterario do seu cavaco, espantava-me do cunho original das ideias que expendia, ria das partidas a que elle arranchava, apreciava gulosamente o causticismo dos seus ditos.

Concluido o meu curso e depois de ter servido pelo espaço d'um anno em lanceiros 2, vim encontrar-me com Mousinho em cavallaria 4; pertenciamos á mesma companhia, na qual um de nós era alferes, outro graduado. Estreitaram-se então ahí bastante as nossas relações, com quanto a norma do viver de cada um fôsse differente. Mousinho, hoje official completo e entusiasta pela nossa arma, não tomava, ao tempo, grande interesse pelas occupações militares; merecia lhe apenas attentões o cavallo, enfadando o aquillo a que chamava rotineiras praticas de quartel. Ardia-lhe a cabeça em leituras excitantes, capazes de exacerbar-lhe o gosto por grandes façanhas, ditos espirituosos e acções generosas, isto do mesmo passo que se namorava d'uma vida cortada d'accidentes, de difficuldades e perigos. A quella epocha era n'elle abstracta a sede de gloria, que tão brilhantemente vêmos agora concretizada. Quasi todos os grandes vultos, expandem na mocidade os estros do sangue e os impetos da alma em fogosos extravagancias, desregramentos estoirazes. Camões, salvo seja, deu brado na estroinice, foi brigão e patusco; chamavam-lhe até o *Trinca Fortes*, porque, de gorra com o celebre padre Chiado, se envolvia em rijas desordens, depois de pantagruelicas noitadas. Pois, Mousinho, mal comparado, como diz o povo, foi esturdiado a valer e tambem, nos seus tempos d'aspirante, teve por companheiro um valentão de nomeada, Costa, o *Traga Ballas*, hoje official, africanista e cidadão prestante.

N'algumas patuseadas, em que entrei com o meu biographado, foi-me facil comprehender como se pôde alliar a extravagança com o decore do nome e ao respeito pelos maiores; mostrou-me Mousinho irrefragavelmente.

A nossa camaradagem, como alferes de cavallaria 4 foi excellente, se bem que elle, desdenhoso em materia de serviço e zombeteiro, alcinhasse, por vezes, de *prussianismo* o meu ingenuo zelo pelos regulamentos, . . . bem poderia mais tarde vingarme, trocando-o do seu assanhado *africanismo*! Não o fiz nunca e louvo-me d'isso, porquanto, se primeiro me estorvavam de recalitrar-lhe os seus ares imponentes de d'Artagnan, mais tarde encontravam echo em mim as suas ardencias de temperamento, transformadas em paixão de benemerito.

Sahi do regimento para o desempenho d'uma commissão de serviço, elle ficou por lá; viamo-nos pouco, mas continuámos a estimar-nos.

Um bello dia soube que uma queda do cavallo o puzera ás portas da morte, recebendo-se até dos effectos cerebraes do traumatismo. Felizmente a natureza resistentissima de que é dotado, fel-o triumphar do abalo fortissimo que supportou.

Pouco tempo decorrido, um assomo de resgatar perdas habilitações scientificas foi o iniciador de uma nova phase da sua existencia, se é que secretas e inconcessadas cordas d'um amor em embryão, não representam de facto o iman, que o attraheu para Coimbra, obtendo licença para se matricular na Universidade.

Na Luza Athenas se quedou bastantes annos, não posso precisar quantos, porque a sua estada alli, coincidiu com a minha ida para o Ultramar. O que sei é que fez acto d'algumas cadeiras e travou relações com os mais formosos talentos da geração coimbrã do tempo, sendo por todos muito estimado, mercê do seu caracter, educação, vastos conhecimentos e, sobretudo, pela originalidade dos ditos, em summa, pelo cavaco scintillante.

De Coimbra não trouxe carta de formatura em faculdade alguma, em cambio, porém, adquiriu lá uma invejavel certidão de casamento, desposando uma senhora, sua proxima parente, a todos os respeitos digna d'elle e capaz de o fazer feliz pelos elevados dotes d'espírito e coração. Tornou-se, de então para cá, marido exemplar e homem pacientemente trabalhador, a ponto d'aceitar o enfadonho logar de repetidor no Collegio Militar.

Mais tarde, partiu para a India, tendo sido requisitado para servir nas obras do caminho de ferro de Mormugão. Escolhido e proposto para secretario geral do governo do Estado, desempenhou este difficil e importante cargo, servindo com tres governadores, em cujos interregnos, ou melhor, ausencias, emponhou proficientemente as rédeas da governação. Deu alli subidas provas do seu tino e capacidade e, tanto assim, que, no periodo agudo da questão ingleza, depois do nefando *ultimatum*, houve o governo de Sua Magestade por bem nome-lo telegraphicamente governador de Lourenço Marques.

De como se sahi do espinhoso encargo atesta-o o conceito que d'elle fórma o commissario regio de então, garante o a amizade e apreço do mallogrado e bravo Caldas Xavier, proclama-o bem alto a eloquencia dos factos de hoje.

Tudo isso é verdade, podem objectar-me, mas deixou-se o seu honroso posto a meio da gerencia! Deixou, porém isso só prova que Mousinho, se assentou com o amadurecimento dos annos, não amolleceu, e ainda bem, no ardor dos brios, que tornavam sympathicas as *calaveradas* das suas rapaziadas.

De regresso a Lisboa, pretendeu o governo da Guiné, mas, como não se preoccupasse em metter empenhos de polpa e se tivesse conservado alheio aos corrilhos politicos, teve de contentar-se com a collocação n'um regimento de provincia.

Diga-se de passagem que Mousinho, se o seduz a lueta e sente pruidos de dar expansão á sua actividade, não tem nada de embóia; pedia aquelle governo porque o attrahe o Ultramar e julgava que poucos o ambicionariam. A demissão antes de tempo tinha-lhe perturbado as magras finanças, de resto, com habilitações *d'alma lisa*, no seu dizer, não tinha pretensões a commissão alguma importante.

Foi primeiro collocado em cavallaria 8, depois veio para cavallaria 4, onde nos fomos de novo encontrar, após cerca de 11 annos de ausencia.

Pertenciamos ambos ao mesmo esquadrão e foi por essa epocha que a nossa amizade, de que hoje, como hontem, muito me ufano, se guindou ao ponto em que está. De excellente, lealissima e, pela sua parte, distincta camaradagem, passou a um assiduo convívio de familia, hoje objecto das minhas mais fundas saudades.

E ahí tem os leitores a massa de que se fazem os heroes.

Ultimamente acompanhei Mousinho quasi dia a dia na gestação da sua idéa fixa.

Vi o lamentar o caminho que as coisas seguíam em Lourenço Marques, manusear livros attinentes a guerras africanas, traçar planos, abandonal-os desalentado, encetar com ardor a convicta propaganda, alimentar quentes esperanças, periclitar sobre o exito indirecto das suas nobres ambições, por fim, deixar-me soletar a través do seu exterior pouco expansivo a chamma ardente d'um afagado devaneio a transformar-se em realidade, d'uma pseudo-obcecção tornada grata e palpavel empreza a pôr em pratica.

O trabalho insano, que sobre elle carregou, os enapénos a remover, as desdenhosas duvidas de alguns incredulos, nada o fez trepidar, lhe abalou o animo forte; a fé viva no proprio esforço, a consciencia das suas aptidões e os conhecimentos sobre o assumpto, juntos ao afincio d'um caracter de boa tempera, levavam de vencida todos os obstaculos.

Só uma causa lhe annuviava, de onde em onde, o horizonte propicio em que se movia, e essa nota dolorosa vinha-lhe de surprender alguma lagrima que a valorosa e dedicada esposa enxugava furtivamente, ou da serenidade austera e fidalga affectada pela respeitavel mãe.

Pobre amigo! que lueta pungente se não travaria por então na tua alma de escolha?

Ah! mas como hão de compensar-te sobejamento d'esses duros trauses as auras que te bafejam levando-te a apartadas regiões as quentes e commovidas benções da adorada trindade feminina que em Leiria, tua terra natal, recebe as aclamações do povo electrizado!

Como ha de ser grato a um coração generoso, nobre e affectivo, saber-se o gerador de supremas alegrias, intraduziveis commoções, nos peitos queridos de tres mulheres, das quaes, uma é a avó e conta 103 annos d'existencia, a segunda é a que lhe deu o ser e se acha orphã inconsolavel do outro filho querido, a terceira é a esposa amantissima, sollicita companheira de passados trabalhos e perigrinações!!

E que pena que aquelle commovente quadro não seja completado com uma quarta figura, por uma filha, botão de rosa que desabrocharia sob a egide da primavera d'um futuro seductor!

Sei de sciencia certa que não são as atoardas da popularidade o que mais seduz o meu nobre biographado, todavia, não se me dava de jurar que por coisa alguma venderia elle esta dita, que tão caro comprou, mas que lhe rende capital e juros, deixando-lhe margem ainda para amortizar futuros dissabores, que Deus affaste, mas é da natureza da vida humana considerar possiveis.

Accedo-me agora ao espirito que uma noite, discretando nós sobre as nossas miserias actuaes e relembrando glorias passadas, Mousinho me assignalou como um dos factos que mais o impressionava a campanha do Marquez das Minas e a entrada d'este general em Madrid, em 1707, salvo erro. Julgar-se-hia feliz, ajuntou, se legasse á patria um feito d'aquella ordem.

Pois, se era esse o seu supremo ideal, tem a rara felicidade de o ver realisado. Cada façanha tem o seu momento historico; a entrada hoje d'um exercito portuguez na capital das Hespanhas seria, sobre quasi irrealisavel, inutilissimo tentamen, ao passo que o aprisionamento do Gunguhana, o aniquilamento completo do seu poderio, responde á mais urgente necessidade do nosso dominio na costa oriental d'Africa, equivale a pôrmos fim a um sorvedouro de vidas e dinheiro, abre a Portugal rasgados horizontes no futuro das colonias, que é o do paiz, o de nós todos.

Nós, portuguezes, temos amplas vias d'expansão, mas habituamo nos a vaguear apenas pelos bairros infectos da politiquice, travando relações de má nota e cuidando apenas em aperfeiçoar a gyrria de afadistados modos de vida. E' occasião agora para deixar-mos traiçozeiros e torvos atalhos, tomando pela estrada real, visto que adquirimos a certeza de que se lueta com mais vantagem em campo aberto do que em combates, escaramuças, d'encruzilhadas.

Devemos honra e exemplos aos nossos successores, como temos encargos a cumprir para com a memoria d'antepassados illustres, se é obrigação moral legarmos aos filhos bens e nome sem mancha, também nos corrê o dever de prestar culto aos chegado extintos. Aquelles a quem d'ermos o ser ainda poderão, talvez, reparar as nossas faltas, mas aos que se sumiram da terra é que não é dado corrigir os nossos erros, exercitados, porventura, á sombra dos seus aferrados esforços, das suas privações heroicas.

Ponhamos ponto na digressão e voltemos a Mousinho.

Afflige-me a idéa de ter ainda de soffrêr por bastante tempo a ancia d'abraçar o querido e laureado amigo, comtudo, não me atrevo de forma alguma a profanar com os meus irrequietos e egoistas desejos a firme resolução de quem se propõe

sobretudo, a provar que todas as afirmações que, official e officiosamente, fez são exequiveis por completo. Mousinho não ponde, em Coellella perseguir o inimigo com a cavallaria do seu commando, foi a Chaimite para nos trazer de presente e captivo o famigerado regulo; compraram-lhe cavallos improprios, quer ir adquiril-os em termos e só voltar á Europa deixando em Lourenço Marques um esquadrão bem montado.

Ouve primeiro a voz do dever do que a seducção das ovações, honra-lhe seja e não serei em quem tente demovel-o do proposito. Tenta o serio empreza baldada, o meu biographado é d'esta tempera:

Um dia, ao montar a cavallo para uma formatura do regimento, cahiu-lhe o bicho por cima. Constatou o facto e, mais tarde, fui saber d'elle; encontrei-o d'inspecção, serviço em que permaneceu as 24 horas regulamentares. Na noite seguinte dirigime a sua casa; estava de cama, com uma das el-viculas partidas, mas muito fresco a dictar á esposa um dos famosos artigos que appareceram no Popular. Nunca se tinha queixado do braço, fora o medico que insistira persistentemente em lh'o examinar.

E' já tempo de terminar, o que faço juntamente com os votos de que corra vrlz o tempo que nos separa. Auecio pelos deleitosos momentos que Mousinho me ha-de proporcionar na nossa provincia, como na sua phrase pittoresca chama ao bairro suburbano que habitamos.

Até lá, não ha outro remedio, confundir-me-hei com a turba, que o acclama de todos os lados, com insolito ardor patriotico e justificado orgulho.

Bento da Franca.

PROPOSTAS

Do nosso illustre amigo e collaborador sr. dr. Alexandre Meyrelles de Tavora recebemos as seguintes propostas a respeito de João de Deus, com que concordamos plenamente.

1.ª Que por disposição legislativa se determine que as poesias de João de Deus reduzidas todas a um volume, servirão de compendio moral nas escolas de instrucção primaria, não só para os filhos do povo, mas para os filhos dos nossos reis que as frequentarem, para ahí serem decoradas e cantadas.

Identico pedido mas em relação aos Lusíadas de Camões foi ultimamente feito pelo illustre filho dos Açores, por sem duvida, o mais benemerito, José do Camto no seu magnifico livro intitulado *Collecção Camuneana*, que é um monumento, que hade durar mais tempo, do que a estatua de bronze, levantada n'uma das praças de Lisboa, pela gratidão da patria.

2.ª Que no convento dos Jeronymos, no Pantho Portuguez aonde vae ser depositado o cadaver do grande morto, ao lado de Camões e d'Alexandre Herculano, no respectivo mausoleu se inscrevam estas palavras.

Ao grande cidadão, ao grande apostolo da humanidade, a patria e a humanidade agradecidas.



Recebemos e agradecemos:

Arte Portugueza, anno I — N.º 6.

Com o presente numero suspendeu a sua publicação esta apreciavel revista, que tão pouco tempo logrou viver devido a indiferença que a tudo que é arte tributa o nosso meio.

A *Arte Portugueza*, ficará todavia como um protesto eloquente, admiravel do quanto pôde a iniciativa particular.

Com as 144 paginas formará um volume no qual muito se encontra de util e de distincto! Por mim valiosos elementos, mas faltou-lhe a protecção publica que é tudo para empregos d'esta ordem.

D'onde virá o erro? Eis uma pergunta a que mais uma vez se pôde responder aconselhando a quebra do sentimento artistico entre as classes que o deviam possuir.

Philomathia, revista artistica, scientifica e philosophica — Novembro de 1895, Brazil — Maranhão.

O n.º 3 d'esta revista vem illustrado com o retrato do grande poeta brasileiro, Antonio Gonçalves Dias, e a collaboração do respectivo numero, adequada, é muito selecta.

NECROLOGIA



O MAJOR CALDAS XAVIER

FALLECIDO EM LOURENÇO MARQUES NO DIA 8 DO CORRENTE

Na occasião em que Portugal celebra as glorias de tantos benemeritos da patria, que nas terras d'Africa tão alto erguem a bandeira das quas affirmando de modo tão positivo a vitalidade da nação, temos, infelizmente, que guardar alguns momentos de sentido e respeitoso silencio pelos que pagaram com a vida a sua dedicação á causa civilisadora da Africa.

Em o numero d'estes conta-se o major Caldas Xavier, cujo prematuro passamento o telegrapho noticiou, ter occorrido em Lourenço Marques, no dia 8 do corrente, resultado de doença adquirida no serviço publico, n'aquella provincia.

O major Caldas Xavier era um official que soube tornar-se distincto desde os seus tempos de estudante na Escola do Exercito, e tão valente quanto illustrado, pôz a sua valentia, a sua intelligencia e saber ao serviço da civilisação de Africa, de que foi uma das mais poderosas alavancas.

Foi pela primeira vez para Africa em 1877 com a primeira expedição de obras publicas, sob as ordens do engenheiro sr. Joaquim José Machado, sendo o principal auxiliar do distincto engenheiro, nos estudos do caminho de ferro de Lourenço Marques, e tendo durante o periodo d'essa commissão, contribuido para a organização das forças militares que bateram o regulo Zavalla, o que lhe valeu o ser louvado pelo governador da provincia, o general sr. Francisco Maria da Cunha.

A esta commissão seguiram-se outras não menos importantes, como a da companhia do Opio, em que empregou os maiores esforços de intelligencia e actividade para o desenvolvimento d'esta empresa, e em que praticou um dos maiores actos de bravura, na defeza do estabelecimento da companhia, quando este foi atacado por um enorme bando de massingires e elle teve de sustentar fogo com os assaltantes, apenas acompanhado por um seu irmão e por um inglez machinista ao serviço da companhia.

Em 1887 é o major Caldas Xavier nomeado chefe de secção do caminho de ferro de Mormugão e tanto se distinguio n'este cargo, que o governador da India nomeou o chefe interino da repartição militar, e depois governador interino de Diu, logar que desempenhou por pouco tempo, porque os seus serviços foram reclamados novamente para a fiscalisação do caminho de ferro, commissões em que se houve com rara intelligencia e zelo e que terminaram em 1890, anno em que recolheu á metropole.

Foi durante a sua estada na India que publicou um interessante estudo sobre a Zambezia, que

muito auxiliou a commissão que tratava da remodelação dos prazos da Zambezia.

Caldas Xavier tinha verdadeiro entusiasmo pelas coisas d'Africa, e por isso não descansava sempre que se tratava d'aquelle paiz. Assim, no proprio anno de 1890, em que regressou da India, accéitou o logar que lhe foi offerecido de auxiliar do engenheiro sr. Joaquim José Machado na commissão de delimitação de fronteiras na Africa Oriental.

Quando esta commissão chegou a Lourenço Marques, aconteceu ter-se demittido o governador geral de Moçambique e ser nomeado para este cargo o sr. Machado, sendo substituido na commissão de delimitação de fronteiras pelo engenheiro sr. Freire de Andrade a cujas ordens ficou Caldas Xavier.

Terminados que foram os trabalhos de campo, d'esta commissão, Caldas Xavier, improvisou um pequeno barco a que deu o nome de *Freire de Andrade*, e r'essa casca de noz, apenas acompanhado por dois pretos, desceu o Limpopo através de todas as difficuldades e perigos e chegou a Lourenço Marques dois mezes mais cedo que o engenheiro sr. Freire de Andrade e conductor sr. Serrano, que vieram por terra.

Em Lourenço Marques foi surpreendido pelas noticias alarmantes que vinham de Manica, de estarem presos ali pela força armada da companhia *South African*, Paiva de Andrada, Manuel Antonio de Sousa e João Rezende, noticias que alvortaram a população de Lourenço Marques onde logo se tratou de organizar um batalhão de voluntarios para ir soltar os presos e castigar os assalariados da companhia ingleza. N'estas circumstancias Caldas Xavier offereceu-se para organizar e tomar o commando do batalhão de voluntarios, o que levou a effeito em poucos dias, partindo logo para Manica, onde a força portugueza occupou Massikese fazendo retirar os representantes da *South African* depois de terem entregue os abastecimentos pertencentes á companhia de Moçambique.

Era mais um serviço que o valente official prestava á causa da civilisação portugueza, em Africa.

Caldas Xavier continuou na Africa Oriental, nos trabalhos de delimitação de fronteiras, e é importante o serviço que prestou na defeza de Lourenço Marques, e no combate de Marraquene.

Ultimamente estava em Inhambane, na commissão de chefe dos transportes a abastecimentos militares da columna do norte, quando a doença o obrigou a retirar-se para Lourenço Marques, onde a morte acaba de o derrubar contando apenas 43 annos de idade e 18 annos de serviços nas colonias portuguezas.

Que os poderes publicos não esqueçam os serviços d'este benemerito da patria, amparando a familia que elle deixa em precarias circumstancias e será este o melhor meio de honrar a memoria do valente major Caldas Xavier.

CLARIMUNDO MARTINS

Convidado pelo director d'esta revista para acompanhar a gravura junta com alguns traços biographicos, vejo-me embarçado para satisfazer a este convite, não pela escassez de elementos mas pela difficuldade em os esboçar, attendendo á minha curta copia de conhecimentos litterarios.

Não desejando comtudo recusar tal convite e sendo-me agradável tornar publicas as qualidades que oraavam o fallecido, vou tractar d'expô-las o mais franca e resumidamente possível.

Clarimundo Martins nasceu na ilha da Boa Vista, no archipelago de Cabo Verde no fim do primeiro quartel d'este seculo. Vinculado desde eras remotas noollar de Paços de Ferreira pelo lado materno, e tendo sido seu pae oriundo dos Açores, começou novo a sua carreira commercial em Bissáu, onde esteve dez annos. Não permittia o

seu genio activo viver em tão pequeno meio e, em busca de fortuna, aventurou-se a percorrer os mares, viajando para a America, Asia e Africa, regressando mais tarde a S. Thiago onde representou um estabelecimento bancario do paiz.



CLARIMUNDO MARTINS

FALLECIDO EM 10 DE DEZEMBRO DE 1895

Dotado d'uma actividade extraordinaria e de intelligencia robusta, dedicou-se a varias empresas industriaes, as quaes a par do lucro pessoal tendiam a dar desenvolvimento á provincia de Cabo Verde, que elle conhecia como poucos.

Não pôde porém vêr coroados as seus esforços, por se evidenciar cada vez mais claramente a funesta estrella que o acompanhava.

Ligado pelo casamento a uma distincta familia, ainda mais lhe redobraram o desejo de trabalhar. Como vice-consul de Italia, Hespanha, Brazil, Perú, Russia e Haivai, deu, pelo seu bom criterio, provas exuberantes de zelo pelo serviço, a ponto de por alguns governos que representava ter sido justamente galardoado, como por exemplo o governo de Hespanha que lhe conferiu o grau de cavalleiro de Izabel a Catholica.

Continuando a sua má sorte a perseguil-o, foi forçado a recorrer a alguns especialistas europeus, afim de recuperar a vista que lhe ia desaparecendo.

Foi ultimamente instado a aceitar a presidencia do municipio da cidade do Mindello, mas uma doença terrivel que o arrebatou ao mundo, não permittiu que continuasse a exercer tão alto cargo. Succumbiu após cruciante martyrio, rodeado de sua boa familia que elle tanto estremecia.

Character são, tracto lhano, bondade excepcional e excessiva modestia, taes eram os principaes topicos que caracterisavam Clarimundo Martins e que concorreram para deixar uma profunda saudade aos seus amigos, entre os ques se considera quem ousou traçar estas breves linhas.

F. C. Alves.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»
para 1896

Está publicado este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando uma burricada a caminho do Castello da Pena, em Cintra.

PREÇO 200 RÉIS — PELO CORREIO 220 RÉIS

À venda na

Empresa do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 39